



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

Consagrado às Ninfas

(Acêrca de uma lápide votiva do Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento)

Na mitologia greco-romana as *Nymphæ* eram divindades que desempenhavam uma missão particularmente simpática, envoltas numa luz fascinadora de poesia e sedução. Pertenciam «à classe dos espíritos divinos do género feminino que povoavam os bosques, as montanhas, as águas; habitavam principalmente as fontes»¹. De algum modo seriam companheiras ou irmãs das Deusas-Mães, *Matræ*, igualmente «deusas de carácter benéfico, e, ao que parece, dispensadoras da abundância, e protectoras dos campos, dos bosques e talvez das fontes e dos lugares»². Com estas últimas confundiram os romanos as *Fatæ*³, as maravilhosas fadas que, ainda hoje, embalam e povoam os sonhos deslumbrantes da ingenuidade infantil. E as mouras encantadas certo grau de parentesco terão também com as desaparecidas ninfas⁴.

As ninfas simbolizavam as forças naturais, a eterna renovação criadora da vida! Náíades ou ninfas

¹ J. L. de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, Lisboa — 1905, II, 192.

² J. L. de Vasconcellos, ob. cit. — pág. 175.

³ J. L. de Vasconcellos, ob. cit. — pág. 178.

⁴ F. M. Sarmento, *Materiaes para a archeologia do Concelho de Guimarães*, in «Revista de Guimarães», 1896, vol. XIII, pág. 11.

das fontes, nereides ou ninfas do mar, eram divinizações duma elevada e delicada subtilidade panteísta:

«Je me suis baignée seule dans la rivière de la forêt. Sans doute je faisais peur aux naïades car je les devinais à peine et de très loin, sous l'eau obscure.

.....
Et j'appelais: «Naïades! naïades! jouez avec moi, soyez bonnes.» Mais les naïades sont transparentes, et peut-être, sans le savoir, j'ai caressé leurs bras légers.»¹

Deusas benfazejas e adoráveis que povoavam, invisíveis, o mundo dos lagos profundos e tranqüilos; dos prados de esmeralda; dos cimos nimbados pelo brilho da manhã ou diluídos na violácea transparência do poente; das grutas onde o silêncio paira, recolhido. A sombra misteriosa dos bosques sagrados, os troncos musgosos dos carvalhos e dos cedros seculares, a húmida verdura dos tapetes veludosos de relva, por onde serpenteavam límpidos regatos murmurantes, formavam o cenário edénico e primitivo onde elas viviam a cantar. Através da floresta viridente, formosas ninfas corriam², semi-nuas, risonhas e cansadas, perseguidas de perto por sátiros hirsutos e brutais ou lascivos faunos, musculosos e tisonados do sol, — marcando o eterno contraste entre a frágil beleza feminina e a força vencedora e fecundante! Foi êste quadro um dos *motivos* predilectos que dominaram alguns séculos da história da Arte. As ninfas, personificadas na gracilidade môça, palpitarão nos poemas, desde Homero a Camões; deusas vivas, tomaram forma no mármore e no bronze, desde a Grécia de Praxíteles à escultura sensualista dos séculos XVIII e XIX; pertencendo ao séquito amoroso da Vénus clássica foram as inspiradoras que povoaram muitas telas de Ticiano, Rubens, Poussin, Corot, Cabanel,

¹ Pierre Louys, *Les Chansons de Bilitis* (traduites du grec), I — Bucoliques en Pamphylie — Paris (A. Fayard).

² «Fugindo as Ninfas vão por entre os ramos» — *Os Lusíadas* — IX, 70.

Bouguereau, Henner e tantos outros Magos da côr e do desenho!

¿Não são pois as ninfas divindades particularmente atraentes e, a todos os títulos, amigas benfazejas? Por certo. E, por isso mesmo, e porque, no bom tempo de outrora, velavam especialmente pelas raparigas, pelas jovens esposas, pelas noivas — estas consagravam-lhe um fervoroso culto, levavam aos seus pequenos templos, às suas grutas junto das fontes, das nascentes termais, e junto do mar, as religiosas oferendas, e, piedosamente, lhe erigiam *votos* ¹!

Também, no tempo remoto da antiga Gallæcia e do *conventus* bracaraugustano, no local onde hoje se encontra Guimarães, havia ninfas indígenas ² e gente môça e crente que a elas consagrava seus votos ³.

Entre as muitas preciosidades do Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento existe uma lápide votiva ⁴, moldurada na base e na parte superior,

¹ «Assim como hoje quem se vê doente ou na imminência de um perigo ou desgraça invoca os santos, a Virgem ou Christo, assim na antiguidade uma pessoa nas mesmas circunstâncias invocava os deuses, fazendo-lhes *votos*, i. é, promessas de certos objectos (aras, estatuas, etc.), que depois lhes levava, quando se suppunha servida. Como nos objectos romanos d'esta especie se gravou frequentemente a expressão *ex voto*, que significa «segundo o que se prometeu», chama-se-lhes communmente *ex-votos*; mas taes objectos em latim chamavam-se *donaria*.» — J. L. de Vasconcellos, ob. cit. — pág. 132.

² F. M. Sarmento, ob. cit. — pág. 11.

³ F. M. Sarmento, *Os Argonautas*, Pôrto — 1887, pág. 287: «...com a influencia romana entrou entre nós o uso de gravar em lapides os votos feitos aos deuses.»

⁴ E' o exemplar N.º XIII do Catálogo das inscrições lapidares. Vide *Revista de Guimarães*, 1901, vol. XVIII, 45. Errada a cópia da inscrição.

F. M. Sarmento, *Inscrições ineditas*, in «Revista de Guimarães», 1887, vol. IV, 185.

F. M. Sarmento, *Para o Pantheon Lusitano*, in «Revista Lusitana», Pôrto, 1887, vol. I, 238. Errada a cópia da inscrição.

J. L. de Vasconcellos, ob. cit. — 1913, III, 258-259.

Aemilius Hübner, C. I. L. — II — *Inscriptionum Hispaniae La-*

medindo 0,88x0,32x0,22 e tendo no corpo gravada a seguinte inscrição, em caracteres perfeitamente legíveis, de 0,04 a 0,07 de altura:

VRBAN³
PROCRY
SEDE
NYMPHIS
EXVOTO
POSVI

que Martins Sarmento leu: «Urbanus Procryside (sic) Nymphis ex voto posui». E traduziu: «(Eu) Urbano Procryside (sic), consagrei (este monumento) às Nymphas, por voto (que lhes fiz)» ¹. O eminente epigrafista e professor da Universidade de Berlim, Emílio Hübner, com quem Sarmento se correspondia assiduamente, não aceitou a interpretação dada e corrigiu: «Urbanus pro Crysida (sic) Nymphis ex voto posui» ², isto é: «(Eu) Urbano, em nome de Crysida, como promessa, erigi às Nymphas». Sarmento, apesar da relutância que frequentes vezes demonstrava de moldar pela estranha a sua opinião sobre tais assuntos, desta vez emendou a mão, concordando com Hübner, e confessando, até publicamente, o seu erro ³, não só de inter-

tinorum, Supplementum — Berolini, MDCCCXII — pag. 895, N. 5569. Está errada a cópia da inscrição.

Em Tagilde, concelho de Guimarães, appareceu também, em 1887, uma ara dedicada às *Nymphae Lupianae* (Vide J. L. de Vasconcellos, ob. cit. — pág. 189 e *Revista de Guimarães* — Catalogo das inscrições lapidares — 1901, vol. XVIII, 52).

¹ F. M. Sarmento, *Materiaes para a archeologia do Concelho de Guimarães*, in «Revista de Guimarães», 1896, vol. XIII, 10 e 11. Encontra-se errada a cópia da inscrição.

² Na correspondência (inédita) de Hübner para Sarmento (Berlim, 28-4-1897) lê-se: «...Dans la dédicace aux Nymphes (n. 5569) «pro Crysida» signifie que *Urbanus* a érigé l'autel pour une telle *Chrysis*.» — (Arquivo da Bibl. da S. M. S.).

³ F. M. Sarmento, *Materiaes para a archeologia do Concelho de Guimarães*, in «Rev. de Guimarães», 1898, vol. XV, 105.

pretação mas até de cópia da inscrição, pois por lapso escrevera *Procryside*, em lugar de *Procry/sede*, conforme se lê claramente na ara. Este pequeno êrro de cópia, que induziu Hübner a errar igualmente na transcrição para o II volume do *Corpus* (Suplemento), bem como a falsa interpretação, preocuparam o espírito de Sarmento a tal ponto que, em 23-6-97, o epigrafista alemão tranqüilizava o seu escrúpulo, dirigindo-lhe em carta as seguintes palavras: «*Mon cher ami, ne vous troublez pas trop sur l'interprétation des mots pro Cryside — ou Cryside, selon l'orthographie inexacte de la province, pour Cryside —; il n'est pas rare que les choses les plus simples parfois restent obscures longtemps, même à nous autres, qui faisons métier de ces études.*»

A preciosa ara de que nos estamos ocupando apareceu casualmente, em 1885, no prédio n.º 8 da rua de D. Luís 1.º ¹, de Guimarães, não longe da casa de Sarmento, e foi oferecida para o Museu da Sociedade por Elias da Silva Machado. São curiosos os termos em que o nosso arqueólogo se refere à descoberta, em correspondência para o Padre Martins Capella, também cultor apaixonado da ciência epigráfica. Diz Sarmento: «*... De resto as antiguidades sahem-nos debaixo dos pés. Não ha um mez que nesta boa terra appareceu uma ára, com uma inscrição — a 200 passos talvez da minha porta.*» E adiante: «*... Lembra-se da caza de Levío? Pois esta ara appareceu numa caza de Levío. Pobres Nymphas!*» ²

¿Que significa esta casa de Levío, surgindo-nos agora ligada à história da ara e das Ninfas? ¿Seria *Levío* uma espécie de alcunha dada por Sarmento a todos os Elias Machados, donos de prédios onde apparecessem pedras com inscrições? Não; tratava-se de uma casa, e bem *pequena casa*, que para sempre ficaria envolta no mistério indecifrável do laconismo de Sarmento, se outra carta anterior, também existente entre a sua correspondência inédita legada à Sociedade, não

¹ Hoje rua «5 de Outubro».

² Carta inédita de M. Sarmento para Martins Capella, datada de 6-2-1885. — (Arquivo da Bibl. da S. M. S.).

nos esclarecesse previamente o enigma. Dizia Sarmento, cêrca de 14 meses antes, ao mesmo P.º Capella ¹: «*... Eu na Povoa de Varzim, onde estive Agosto e 7^{bro}, encontrei umas poucas (de antigas povoações destruidas) e dei o tempo por bem empregado. Eu digo que as encontrei na Povoa, mas realmente na Povoa só encontrei peixe fresco e muito vadio; é preciso andar uma legoa e mais para o norte, nascente e sul, para começar a trilhar o terreno das velharias.*» E prossegue, algumas linhas adiante: «*Em conta d'inscrições fui d'uma infelicidade nunca vista. Só ao pé da Igreja de Terroso copiei isto: Caza de Levío. Casa de Levío! mas numa porta d'uma latrina! Depois d'algun trabalho traduzi: Caza d'allivio.*»

Eis a decifração: algum mestre em questões etimológicas estabeleceu a seguinte dedução: Casa de Levío = casa de (a)levío = casa d'alevío = casa d'alvívio — latrina. O ex-voto às poéticas Ninfas vimaranenses foi pois encontrado, segundo o informe de Sarmento, na *casa d'alvívio* do prédio do Sr. Elias Machado, à rua D. Luís 1.º. Só nos resta excluir, desoladamente, como o arqueólogo ao P.º Capella: «Pobres Ninfas!»! E ainda: — Pobre Urbano! Onde foi parar, no decurso dos séculos e na inconstância dos tempos, a promessa que fielmente cumpriste para com as Ninfas, em nome, e conforme o desejo expresso, da tua combalida e adorável Chrysis!

O mais puro idealismo junto ao mais ignóbil materialismo! O espírito agrilhado à matéria! ¿Mas não é, afinal, entre estes dois polos que se move e dissipa tôda a vida humana... e até a dos deuses?...

MÁRIO CARDOZO.

¹ Carta inédita de M. Sarmento para Martins Capella, datada de 28-11-1883. — (Arquivo da Bibl. da S. M. S.).